

# O IDEAL DE FORMAÇÃO DO HOMEM DE LETRAS EM LIMA BARRETO: RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA, TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA E VIDA E MORTE DE M. J. GONZAGA DE SÁ SOB A PERSPECTIVA DO ROMANCE DE FORMAÇÃO<sup>1</sup>

Daniel Rochebois Quintão (PUC MINAS)<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo que se segue pretende demonstrar como as três maiores obras de Lima Barreto<sup>3</sup>, (*Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919)), formam um grande Bildungsroman brasileiro. Assim sendo, a abordagem aqui não será tradicional, pois não analisaremos a evolução de um personagem apenas, mas de três que caracterizam a evolução do ideal humano do escritor, do homem de letras, retratada na gradação espiritual dos heróis edificados por Lima Barreto (que dão nome aos livros).

**Palavras-chave:** Bildungsroman; Lima Barreto; homem de Letras.

*A tarefa diária que me está atribuída exige a minha plena presença, na vigília e em sonhos. Esse dever torna-se a cada dia mais caro para mim[...] O anseio de levantar o mais alto possível a pirâmide de minha existência, cuja base me está dada e fundamentada---esse anseio supera todo o resto.*

Trecho de carta de Goethe a Lavater,  
setembro de 1780.

<sup>1</sup> O artigo é composto por trechos inéditos encontrados, em sua maioria, na dissertação que escrevo e que será apresentada em fevereiro de 2017 orientada pela Profa. Dra. Ivete Lara Camargos Walty (PUC- Minas).

<sup>2</sup> Estudante, Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, área de Concentração: Literaturas de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestrando. E-mail: [danbebop@hotmail.com](mailto:danbebop@hotmail.com).

<sup>3</sup> (Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1881---Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1922).

O romance de formação é um subgênero surgido na Europa no Século das Luzes, e teve seu apogeu no fim desse século e no XIX. O surgimento desse tipo de romance se confunde com o amadurecimento do romance moderno, antes que esse começasse a ser desconstruído.

O livro *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (*Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* (1795), escrito por Johann Wolfgang von Goethe<sup>4</sup> é considerado o livro que originou e solidificou o *Bildungsroman* (“romance de aprendizado” ou de formação)<sup>5</sup>. O cerne desse tipo de romance, como o próprio nome já diz, é a formação ou educação de um personagem jovem, que, ao se confrontar com o mundo, vai se desenvolvendo, se modificando e solidificando sua personalidade. Os personagens que estão no centro desse tipo de romance passam por várias peripécias e, à medida que superam essas provações, se tornam mais adultos, homens mais completos, e, passando da infância para a vida adulta, se formam. Exemplos de romances que se enquadram parcialmente nessa categoria são, entre muitos: *A Educação Sentimental* (1869), de Gustave Flaubert; *Grandes Esperanças* (1861), de Charles Dickens; *O Vermelho e o Negro* (1830), de Stendhal, entre outros. O *Bildungsroman* tomou forma semelhante em vários países, inclusive no Brasil, mas numa época posterior e de uma maneira diferente.

No decorrer dos últimos anos, surgiram artigos e ensaios<sup>6</sup> que fomentaram a ideia central deste artigo com a proposição de que as três maiores obras de Lima Barreto<sup>7</sup>, (*Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915) e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919), formam um poderoso *Bildungsroman* brasileiro – o romance da vitória de uma alma sobre si mesma e, por meio disso, sobre o mundo.

Eximindo-nos de uma abordagem típica, não analisaremos a evolução de um personagem apenas, mas de três que caracterizam a evolução do ideal humano do escritor, do homem de letras, retratada na gradação espiritual dos heróis edificados por Lima Barreto (que dão nome aos livros): o jovem estudante talentoso esmagado pelo mundo (Isaías); o intelectual, combatente, exaltado e semilouco (Policarpo) e finalmente o sábio estóico soberano e calmo que permanece de pé enquanto o mundo em torno cai (Gonzaga de Sá). Os personagens comporiam assim uma gradação que, em conjunto, representam o ideal do homem de Letras como assim o compreendia Lima Barreto.

A transformação dos personagens e seus objetivos na vida são distintos, e sua trajetória demonstra claramente a lapidação de um homem mais maduro, adulto e consciente. A verificação da mudança, e conseqüentemente a evolução da personalidade dos personagens barretianos, pode ser feita através de uma análise detalhada das obras. É através desta investigação que tentaremos demonstrar como

<sup>4</sup> (Frankfurt am Main, 28 de Agosto de 1749 – Weimar, 22 de Março de 1832)

<sup>5</sup> Outros autores como Otto Maria Carpeaux veem a origem do subgênero bem antes, com o *Parzifal* (poema épico alemão da Idade Média, atribuído ao poeta Wolfram von Eschenbach, escrito em alto alemão médio), que segundo Carpeaux: “é o romance da evolução religiosa de uma alma; e antecede aqueles numerosos romances alemães modernos que, desde o *Wilhelm Meister*, de Goethe, irão descrever o caminho de um homem pela vida em busca de si mesmo”.

<sup>6</sup> Ver, por exemplo, *Bravo!* n° 13, outubro/98, edição de primeiro aniversário. p.22-24.

<sup>7</sup> (Rio de Janeiro, 20 de Fevereiro de 1881---Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1922).

os três livros e os três personagens criados por Lima Barreto se interligam, e, compondo esse *Bildungsroman* brasileiro, demonstram o ideal e a trajetória do intelectual, ampliando o escopo do romance de formação.

“Eis o conceito goethiano de *Bildung*, formação: a transformação do caos da experiência e conhecimento em uma estrutura orgânica” (Carpeaux 1959: 1619). Como Marcus Mazzari diz em seu livro *Labirintos da aprendizagem - Pacto fáustico, romance de formação e outros temas de literatura comparada* (2010), começar a trajetória de uma questão literária em companhia de Otto Maria Carpeaux “significa escolher um caminho sempre rico de pistas e sugestões” (Mazzari 2010: 93).

O conceito de *Bildung* de Goethe, postulado por Carpeaux, remete imediatamente a várias questões: Por quais experiências um jovem deve passar para se tornar um homem? Qual é o ponto de transição da juventude para a vida adulta e responsável? Como se educar em meio às aventuras cotidianas que se vive? Como transformar uma vida caótica em uma harmonia? A essas questões acrescentaríamos: Qual é trajetória do homem para se tornar um intelectual? Quais conhecimentos ele deve adquirir para formar seu caráter de homem de letras?

O subgênero literário que é chamado de romance de formação toca exatamente nesse ponto: a formação de um homem dentro de certo meio social, numa dada época. Não é por acaso que nos deparamos com uma rica literatura de formação. A problemática que encontramos nos livros que pertencem a esse subgênero toca profundamente o ser humano na busca de compreender quem é, o que lhe acontece e como desenvolver suas potencialidades sob as condições históricas dadas. O estudo, como já dissemos, não tomará como tema central a formação do ser humano por completo, antes focará essencialmente na formação do homem de Letras como o compreendia Lima Barreto, tomando os personagens como construções narrativas do autor dentro do quadro de enunciação de seus romances.

Para alguns teóricos, como já afirmamos, a narrativa de aprendizagem surge com o romance *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* de Goethe, que se torna o modelo de romance de formação; já para outros, como Georg Lukács, Mikhail Bakhtin e o próprio Otto Maria Carpeaux, esse tipo de romance é o ápice de tendências anteriores, ou seja, existiram antes romances que já poderiam ser caracterizados como romances de formação.

No livro *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*, o personagem escreve uma longa carta ao seu cunhado Werner, na qual exprime claramente o seu ideal de construção humana. E a mesma carta pode ser vista como “uma espécie de manifesto programático do romance de formação” por formular características desse gênero com muita clareza:

Enquanto o nobre tudo dá só com a apresentação de sua pessoa, o burguês não dá nem pode dar nada com a sua personalidade. Aquele pode e deve brilhar, este só deve ser e, naquilo em que quiser brilhar, será ridículo e insípido. Aquele deve fazer e atuar, este deve realizar e produzir; deve aperfeiçoar faculdades isoladas para tornar-se útil, e já pressupõe que em seu ser não há e nem poderia haver nenhuma harmonia, porque ele, para se fazer útil de um determinado modo, deve negligenciar todo o resto.

Pois bem, tenho justamente uma inclinação irresistível precisamente por essa formação harmoniosa de minha natureza, que o meu nascimento me recusa [...] Não vou negar-te agora que a cada dia se torna mais irresistível meu impulso de me tornar uma pessoa pública, de agradar e atuar num círculo mais amplo [...] Já percebes que só no teatro posso encontrar tudo isso e que só nesse único elemento posso mover-me e aperfeiçoar-me à vontade. Sobre os palcos, o homem formado aparece tão bem personificado em seu brilho como nas classes superiores [...]. (Goethe 2012: 287-288)

Buscar características parecidas em todos os romances que estão enquadrados nessa categoria, ou seja, que possuem traços similares ao de *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister*, seria uma tarefa árdua e praticamente impossível, pois cada romance possui sua individualidade, é único. Além disso, o próprio ideal a ser atingido e/ou ironizado varia no tempo e no espaço. É por esse e outros motivos que o subgênero romance de formação é considerado deveras flexível. Mazzari nos explica:

Os sucessivos desvios que o *Bildungsroman* vem apresentando em relação ao seu protótipo *Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister* mostram-se como reflexos das transformações políticas e econômicas ocorridas nas estruturas da sociedade em que o herói em formação busca integrar-se. Se em Goethe a crescente precariedade de tal integração é tratada de forma a se preservar ainda a integridade humana, em outros autores podemos observar uma tendência à dissolução caricatural da concepção clássica de formação. Na verdade, o romance de formação no sentido de Goethe [...] pressupõe que a incongruência entre indivíduo e sociedade ainda seja superável, que ambos não se choquem de forma irreconciliável. (Mazzari 1999: 85)

Ampliando o conceito clássico de romance de formação, Mellita Gherhard, em seu livro *O romance de desenvolvimento alemão até o Wilhelm Meister de Goethe* (1926), utiliza terminologia e conceituação que são menos rígidas (por exemplo, o termo romance de desenvolvimento ao invés de romance de formação) e abrangem uma gama maior de romances, já que se enquadrariam nesse subgênero as obras narrativas “que têm por objeto o problema do confronto do indivíduo com o seu respectivo mundo, seu gradativo amadurecimento e integração no mundo, não importa quais sejam os pressupostos e a meta desse caminho” (Gherhard apud Mazzari 2010: 96).

Dentro dessa linha, poderíamos citar ainda Wilhelm Dilthey – que propagou o termo *Bildungsroman* na história da literatura – Fritz Martini, Karl Morgenstern, Hegel, Lukács (que atribui grande importância ao romance de formação e à *Wilhelm Meister*, em seu famoso *Teoria do Romance*), Jurgen Jacobs e Markus Krause, Gerhart Mayer, Rolf Selbman, Bakhtin, etc.

Os estudos sobre o romance de formação abrem, pois, espaço para questionarmos o limite desse subgênero. Tentaremos demonstrar que, em alguns

casos, a formação e a evolução de certo tipo ideal humano não ocorre apenas em um romance, mas em mais (três no caso presente). Para isso, retomando definições e interpretações de romance de formação, lembraremos com Morgensten que tal subgênero possui também uma função didática. Esse autor salienta que:

Ele deverá se chamar *romance de formação*, em primeiro lugar e sobretudo por causa do seu assunto, porque ele representa a formação do herói em seu começo e em seu desenvolvimento, até um certo estágio de aperfeiçoamento; mas, em segundo lugar, também, por que, exatamente através dessa representação, ele fomenta a formação do leitor, numa medida mais ampla do que qualquer outra espécie de romance. (Morgensten apud Mazzari 2010: 99)

A abertura entrevista por esses teóricos nos possibilita a integração dos três romances de Lima Barreto na categoria de romance de formação, demonstrando a evolução de um ideal barretiano de homem de letras, de intelectual, através da criação de seus três personagens. Analisando as suas constituições dentro do quadro de enunciação dos romances, buscamos acompanhar sua mudança, em uma presumível trajetória de uma personalidade frágil a outra mais desenvolvida, seja em aspectos gerais, seja em termos propriamente intelectuais.

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto dá voz ao seu personagem e é Isaías, em uma idade já avançada, que relata um período de sua vida, da época em que era jovem e talentoso<sup>8</sup>. O personagem sempre se destacou nos estudos e pretende se formar, se transformar em homem ao sair do interior e tentar a vida no Rio de Janeiro. É no terreno da capital que Isaías travará as batalhas que darão forma a sua alma, à sua personalidade. Assim como nos romances de formação, Isaías, que se nos apresenta como jovem promessa intelectual, decide percorrer outros ambientes, respirar outros ares, desvendar um mundo novo, enfrentar peripécias, para finalmente se transformar.

No caminho que ele traçará, primeiramente haverá o preconceito racial e intelectual, sobretudo o intelectual, que é gerado pela diferença que existe entre o personagem, que é um autêntico homem de letras no meio de farsantes, um *gentleman* no meio de carreiristas vorazes e grosseiros<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Entrevemos no texto um duplo reflexo do autor; primeiro em seu personagem-narrador, o Isaías envelhecido e em seguida em Isaías jovem. Podemos comprovar a hipótese se soubermos o grande teor autobiográfico que o livro possui. As *Recordações* relatadas são as de Isaías, mas se realmente há o jogo especular entre autor/narrador/personagem, depreendemos daí que as recordações podem ser em parte também as de Lima Barreto. Francisco de Assis Barbosa o confirma ao dizer sobre o Isaías: “É um livro pungente e verdadeiro, onde há muito do próprio drama pessoal de Lima Barreto. No entanto, ao contrário do seu criador, Isaías acaba cedendo, no entretchoque desigual contra tudo e todos. E à custa de transigências, de concessão em concessão, obtém uma meia vitória, amarga e dolorosa, com o sacrifício de sua dignidade”. (BARBOSA In: BARRETO 2001: 91). É difícil não notarmos um toque de tom pessoal inserido nesse grande jogo de escrita que Lima Barreto criou.

<sup>9</sup> O preconceito é assunto inevitável quando falamos sobre os romances de Lima Barreto. É vidente que em muitos momentos do livro, não é apenas a voz personagem que fala, mas sim a do autor Lima Barreto, há um tom de desabafo em muitos trechos. Podemos considerar o livro, o mais pessoal de Lima.

Em seguida o jovem Isaías se confrontará com a solidão, pois a carta de recomendação que levou para conseguir a ajuda de um deputado de nada lhe servirá, devendo ele se conformar com o fato de seu destino estar em suas próprias mãos. Depois testemunharemos a entrada de Isaías no jornal O Globo e a descrição dos personagens que compõem a redação do jornal e de seu ambiente, até chegarmos finalmente ao desfecho do livro.

Grosso modo são essas as etapas de formação pelas quais Isaías passará até o começo de seu amadurecimento. São as suas atitudes, falas e escolhas dentro do turbilhão de sua vida que nos mostram que o jovem prodígio Isaías não consegue se tornar um verdadeiro homem de Letras, o que, como fica claro desde o início do romance, é a sua vocação. Em sua batalha com o meio social, Isaías perde, pois ainda seria fraco, uma vítima passiva das circunstâncias. O trecho abaixo demonstra o que seriam as fraquezas e a “pusilanimidade” de Isaías através de suas próprias palavras:

Encarei a eventualidade de voltar para minha casa familiar. O caminho na vida parecia-me fechado completamente, por mãos mais fortes que as dos homens. Não eram eles que não me queriam deixar passar, era o meu sangue covarde, era a minha doçura, eram os defeitos de meu caráter que não sabiam abrir um. Eu mesmo amontoava obstáculos à minha carreira; não eram eles... (Barreto 1956: 36)

No decorrer da leitura muitos outros exemplos da fraqueza do personagem podem ser entrevistados. Ao chegarmos mais perto do fim do relato de Isaías, cada vez mais fica claro, para o próprio Isaías e para nós leitores, o rumo que ele tomou na vida e a sua decepção. Isaías falha na sua formação como homem de Letras. Como nos dirá Francisco de Assis Barbosa, “[...] *Recordações do escritor Isaías Caminha* é a história de um jovem de condição humilde, que luta por conquistar um lugar, ainda que modesto, na sociedade, cuja engrenagem o comprime a ponto de quase esmagá-lo”. (Barbosa In: Barreto 2001: 91)

Nas últimas páginas do livro, a narrativa adota um tom mais intimista e a autoanálise de Isaías vai tomando destaque até chegarmos ao ápice da sinceridade; Isaías finalmente ouve a voz de seu coração. O narrador, relembando a sua juventude, enxerga melhor os seus erros e como que os confessa diante do leitor e de si mesmo. Fica cada vez mais claro para o personagem e também para nós, leitores, que ele teria se deixado levar por um mundo que não era o seu; a carne, os desejos e uma pequena ambição o seduziram e o arrastaram para um caminho que não era o sonhado por Caminha, não completando assim a sua formação e não respondendo à sua vocação original. Em sua autoanálise, Isaías parece descrever um processo de mudança identitária. Há a completa falta de afeto pela mãe, em contraste com o Isaías narrado no início do livro, quando o amor e carinho pela mãe eram evidentes, saltando aos olhos do leitor. Consequentemente vemos essa mudança como uma negação da própria origem, negação incutida pelos seus colegas de trabalho e pela sua nova condição. Parece-nos ser tamanha a sua auto ilusão que chega ao ponto de se sentir “saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne”:

Embora minha mãe tivesse afinal morrido havia alguns meses, eu não tinha sentido senão uma leve e ligeira dor. Depois de empregado no jornal, pouco lhe escrevi. Sabia-a muito doente, arrastando a vida com esforço. Não me preocupava... Os ditos de Floc, as pilhérias de Losque, as sentenças do sábio Oliveira, tinham feito chegar a mim uma espécie de vergonha pelo meu nascimento, e esse vexame me veio diminuir em muito a amizade e a ternura com que sempre envolvi a sua lembrança. Sentia-me separado dela. Conquanto não concordasse em ser ela a espécie de besta de carga e máquina de prazer que as sentenças daqueles idiotas a abrangiam no seu pensamento de lorpas, entretanto eu, seu filho, julgava-me a meus próprios olhos muito diverso dela, saído de outra estirpe, de outro sangue e de outra carne. [...] Vivia, então, satisfeito, gozando a temperatura, com almoço e jantar, ignobilmente esquecido do que sonhara e desejara. [...] E notei essa ruína dos meus primeiros estudos cheio de indiferença, sem desgosto, lembrando-me daquilo tudo como impressões de uma festa a que fora e a que não devia voltar mais. Nada me afastava da delícia de almoçar e jantar por sessenta mil-réis mensais. (Barreto, 2001: 233)

Já na epígrafe de *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, o autor nos anuncia o destino ao qual está fadado Policarpo, o seu héroi:

Le grand inconvénient de la vie réelle et qui la rend insupportable à l'homme supérieur, c'est que, si l'on y transporte les principes de l'idéal, les qualités deviennent des défauts, si bien que fort souvent l'homme accompli y réussit moins bien que celui qui a pour mobiles l'égoïsme ou la routine vulgaire.<sup>10</sup> (RENAN, Ernest. *Marc-Aurèle et la fin du monde antique*)

A narrativa se situa no período logo após a proclamação da república brasileira. O Major Policarpo Quaresma, construído como homem superior e grande nacionalista, passa a maior parte de seu tempo buscando saídas econômicas, políticas e culturais para melhorar o Brasil. Exemplos: ele tenta mudar a língua falada no país para o Tupi; na agricultura, aventura-se na plantação e cria tratados nos quais ele explica como a terra brasileira (a mais rica do mundo, segundo ele) deveria ser utilizada, mas mais uma vez sem sucesso. E por último vemos a sua tentativa mais frustrante que é a reforma política do país, completamente desprezada por Floriano Peixoto. O livro é dividido em três partes, cada uma delas representando um dos projetos/sonhos acima. Acontece que desde o título do livro já está anunciado que o desfecho não será feliz. Todos os seus projetos visam à criação de um país melhor, tentam gerar frutos para o povo brasileiro, afinal, segundo alguns dicionários de nomes, Policarpo é aquele que produz muitos frutos, como já o destacou

<sup>10</sup> Tradução nossa: "O grande inconveniente da vida real e que a torna insuportável ao homem superior, é que se introduzirmos nela os princípios do ideal, as qualidades se transformam em defeitos, de modo que frequentemente o homem de valor consegue menos sucesso do que aquele movido pelo egoísmo ou pela rotina vulgar".

Silviano Santiago em *Uma ferroada no peito do pé (Dupla leitura de Triste Fim de Policarpo Quaresma)* (1984).

Quaresma, aparentemente um homem notável que não seria discriminado, não possuiria nenhuma desvantagem como o protagonista anterior. Ele está posto à frente de Isaías, é auto-suficiente na luta pela vida, e parece se desligar das amarguras e tristezas pessoais de Lima Barreto. Seu ponto fraco é a sua ingenuidade, a sua generosidade em querer ajudar o seu povo, o que lhe levaria a uma semi-loucura. Quaresma, como bem notou Manuel Oliveira Lima em um ensaio publicado no *Estado de S. Paulo* em 13 de novembro de 1916, apenas um ano após a publicação do livro, seria:

[...] um Dom Quixote nacional. Ambos são tipos de otimistas incuráveis, porque acreditam que os males sociais e sofrimentos humanos podem ser curados pela mais simples e ao mesmo tempo mais difícil das terepêuticas, que é a aplicação da justiça da qual um e outro, se arvoraram paladinos. Um levou sovas por querer proteger os fracos; o outro foi fuzilado por querer na sua bondade salvar inocentes. Visionários ambos: assim tratou o marechal-de-ferro o seu amigo Quaresma e trataria Dom Quixote, se houvesse lido Cervantes. (Oliveira In: Barreto 2001: 34)

É exatamente nesse último ponto que o Marechal Floriano Peixoto o atinge; apesar de suas invenções serem criativas e até certo ponto compreensíveis para o leitor, elas são muito excêntricas. Quaresma, como dirá o próprio Floriano, é um visionário: “- Você, Quaresma, é um visionário...” (Barreto 2001: 381). Os seus objetivos eram incompatíveis e incompreensíveis para a época, excetuando apenas a sua afilhada Olga, que representaria a única que talvez tenha consciência da superioridade de seu padrinho. É ela que o defenderá sempre, até o último instante do livro, até a morte de Quaresma, morte que não é uma surpresa para os leitores.

Ao citarmos o nome de Olga, não podemos deixar de ressaltar outro traço que diferencia Quaresma de Isaías. O personagem do primeiro romance é um solitário em sua juventude, não possui nenhum amigo verdadeiro e o sentimento de solidão perpassa toda a sua história e a sua formação. Por outro lado, Quaresma, mais uma vez a frente de Isaías, é cercado por um círculo de amizade e de amor que estará sempre ao seu redor, o protegendo e apoiando. Esse círculo é formado por Ricardo Coração dos Outros, Adelaide, a irmã de Quaresma, que está sempre ao seu lado, mesmo não compreendendo as idéias e atitudes do irmão: “Decerto, ela o estimava, mas não o compreendia. Não chegava a entender nem os seus gestos nem a sua agitação interna. Por que não seguira ele o caminho dos outros? Não se formara e se fizera deputado? Era tão bonito... Andar com livros, anos e anos, para não ser nada, que doideira!” (BARRETO 2001: 315), o Anastácio que lhe servia há trinta anos, o seu compadre Vicente que enxerga em Quaresma apenas um bom homem, mas também não compreende as suas idéias, e por fim, Olga, a sua afilhada, talvez a única que realmente o admira e compreenda que Quaresma não é apenas um visionário maluco, espécie de Quixote brasileiro, mas sim um sábio, um intelectual que não é compreendido por quase todos.



A incompreensão alheia advém, além da criação de seus projetos semiloucos, de uma característica nítida do intelectual, que é ressaltada em vários momentos da narrativa: Quaresma é um leitor ávido. Ele lê, e lê muito. Por isso é considerado um homem “esquisito”. E são os livros que estão na origem de sua única desafeição, pois o Doutor Segadas não compreendia que alguém que não era formado, possuísse livros, não somente ele, mas também todos os outros que em raros momentos podiam ver as suas estantes repletas de livros. Aqui, denotamos rapidamente duas críticas; a primeira e como veremos talvez uma das mais constantes na obra de Lima, que é a crítica aos títulos e aos doutores. Em seguida a incompreensão popular em relação ao intelectual, crítica àqueles que não veem uma função pragmática na leitura e nos estudos. As prateleiras da biblioteca de Quaresma ao serem descritas detalhadamente, reforçam o nacionalismo, a intelectualidade e também o seu autodidatismo:

Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião. Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros.[...] De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gândavo; e Rocha Pita, Frei Vicente do Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira da Silva, Handelmann (Geschichte von Brasilien), Melo Moraes, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos. Então no tocante a viagens e explorações, que riqueza! Lá estavam Hans Staden, o Jean de Léry, o Saint-Hilaire, o Martius, o Príncipe de Neuwied, o John Mawe, o von Eschwege, o Agassiz, Couto de Magalhães e se se encontravam também Darwin, Freycinet, Cook, Bougainville e até o famoso Pigafetta, cronista da viagem de Magalhães, é porque todos esses últimos viajantes tocavam no Brasil, resumida ou amplamente. Além destes, havia livros subsidiários: dicionários, manuais, enciclopédias, compêndios, em vários idiomas. (Barreto 2001: 263)

Em relação a Isaías, Quaresma adquire altitude. Ele não é o personagem de um mero drama social, mas o héroi de uma tragédia. Segundo Aristóteles, é essencial que o héroi trágico seja um homem poderoso e especial, fora disso, suas desventuras assinalariam apenas uma conjunção acidental de circunstâncias, suprimível e sem o alcance de uma fatalidade cósmica e inexplicável.

O personagem que Lima erige nos comove. Ele é traçado como um intelectual incompreendido, como homem ingênuo, bom, perspicaz, solidário e solitário. Alguns de seus traços são como que reflexos do homem Lima Barreto. É evidente que a obra não pode ser tomada como a representação da vida do escritor, mas alguns traços de seus personagens, sim. Como foi demonstrado, acreditamos haver uma diferença positiva entre Quaresma e Isaías, o que corroboraria a nossa hipótese de

transformação dos personagens, seguindo o modelo evolutivo dos romances de formação.

Enfim, chegamos ao livro *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. O último livro desta trilogia é a narrativa da vida e morte de Gonzaga de Sá feita pelo seu jovem confidente e amigo Augusto Machado (o narrador). A amizade entre ambos é descrita como algo extraordinário. Há uma completude entre eles, como se fossem apenas um: “Gonzaga de Sá não me falava, mas eu sentia que a metade daqueles pensamentos eram dele. A nossa amizade era tão perfeita, que dispensava palavras. Entre nós havia aquele aperfeiçoamento de comunicação, que Wells tanto encomia nos marcianos: mal emitia um pensamento, um dos nossos cérebros, ia ele logo ao outro, sem intermediário algum, por via telepática”. (Barreto 2001: 602)

Machado faz uma biografia de seu amigo que é composta por uma série de lembranças, diálogos e reflexões, que nos são apresentados sempre em pequenos episódios que poderíamos dividir em três grandes blocos: filosofia, literatura e história. Gonzaga é pintado como um bacharel em Letras que não se tornou doutor, pois queria fugir das solenidades do título. Trabalhou como funcionário público e assim teve mais tempo para estudar, mantendo-se atualizado. Suas reflexões sobre a realidade e suas críticas são certas (denunciam o preconceito racial, criticam a aristocracia, a idolatria dos títulos, etc), como podemos notar no trecho abaixo, no qual Gonzaga critica a mania aristocrática do povo e dos arrivistas:

Gonzaga de Sá dizia-me: – A mais estúpida mania dos brasileiros, a mais estulta e lorpa, é a da aristocracia. Abre aí um jornaleco, desses de bonecos, e logo dás com uns clichês muito negros. Olha que ninguém quer ser negro no Brasil!... Dás com uns clichês muito negros encimados pelos títulos: Enlace Souza e Fernandes, ou Enlace Costa e Alves. Julgas que se trata de grandes famílias nobres? Nada disso. São doutores arrivistas, que se casam muito naturalmente com filhas de portugueses enriquecidos. Eles descendem de fazendeiros arreventados, sem nenhuma nobreza e os avós da noiva ainda estão à rabiça do arado na velha gleba do Minho e doidos pelo caldo de unto à tarde. (Barreto 2001: 574)

Gonzaga seria um grande homem em todos os sentidos, um personagem envolvido por um tipo de aura serena que compreende o que está acontecendo ao seu redor. Ele é um Isaías sem os problemas, as confusões juvenis e sem timidez. Ele é um Policarpo Quaresma sem a loucura quixotesca (apesar de apresentar um forte espírito nacionalista: “Eu sou Sá, sou o Rio de Janeiro, com seus tamoios, seus negros, seus mulatos, seus cafusos e seus «galegos» também...” (Barreto 2001: 575). Mesmo que sua vida termine na solidão, não apenas física, mas também intelectual, como ele mesmo explicita: “[...] sofro em me sentir só; sofro em me ver que organizei um pensamento que não se afina com nenhum. Os meus colegas me aborrecem... Os velhos estão ossificados; os moços, abacharelados. Pensei que os livros me bastassem, que eu me satisfizesse a mim próprio...” (Barreto 2001: 622), ela não termina na

derrota. Solitário<sup>11</sup> entre os seus livros, o sábio desenganado observa o mundo com um olhar sem ressentimento nem sentimentalismo, cheio de uma compreensão serena, cheio de doçura, pois: a maior força do mundo é a doçura.

Abaixo, nesta citação, vislumbramos melhor a personalidade intelectual de Gonzaga:

A sua ânsia e a sua febre de conhecimentos, tais como via nele, sempre a par do movimento intelectual do mundo, fazendo árduas leituras difíceis, deviam procurar transformar-se em obra própria, tanto mais que não era um repetidor e sabia ver fatos e comentar casos a seu modo. Creio que fizera os seus planos, pois que, apesar de remediado e seguro do emprego, não se deixou cevar, pensou sempre e o seu pensamento estava sempre vivo e ágil, embora, quando o conheci, já tivesse passado dos sessenta. Não ruminava. Ao contrário, nunca cessou de aumentar a sua instrução, limando-a, polindo-a, estendendo-a a campos longínquos e áridos [...]. (Barreto 2001: 570)

Gonzaga é construído por Lima como o mais completo entre os três personagens analisados. Cremos que não apenas é um homem mais maduro, mas também o personagem que melhor representaria a figura do intelectual e homem de Letras. É então, em um processo gradativo que vemos a construção dos personagens barretianos. Começando com o jovem Isaías, passando por Policarpo, o Quixote nacional e terminando com Gonzaga de Sá, o sábio que compreende o mundo e o aceita.

## Conclusão

Não buscamos aqui encontrar a figura perfeita do intelectual, mas cremos entrever nos livros de Lima a busca de tal figura. Figura que talvez reflita, em certos aspectos, a vida do próprio escritor.

É relacionando a teoria e a história do romance de formação, a transformação dos personagens barretianos e a construção de suas personalidades, em relação ao lugar de intelectual do próprio autor, que tentamos demonstrar que o conjunto dessas três obras formam um grande *Buildungsroman* brasileiro.

A tentativa inseriria o autor brasileiro em uma vasta e antiga tradição literária que possui o seu começo em Goethe.

Lima então renovaria e atualizaria a concepção tradicional de *Bildungsroman*, pois como vimos acima, a construção do ideal de homem de Letras foi feita em três romances e não apenas em um. O autor molda os seus personagens com traços intelectuais, mas com o passar do tempo, e a medida que os livros foram publicados,

<sup>11</sup> A solidão parece ser um traço permanente nos personagens de Lima. Mesmo que Quaresma não seja tão solitário como Isaías e Gonzaga, é perceptível que todos eles são capazes de amar, mas ama as ideias, ama coisas maiores: Isaías ama os estudos, Policarpo ama o seu país e Gonzaga ama o Rio de Janeiro. Gonzaga afirma em dado momento sobre a sua cidade: “Vivo nela e ela vive em mim!” (Barreto 2001: 565). O amor perpassa toda a obra de Lima, mas se caracterizando sempre como uma forma de amor não-carnal.

as características de tal figura parecem se aperfeiçoar, se afinar, para enfim chegarmos a uma figura melhor acabada, que seria representada pelo personagem Gonzaga de Sá.

A questão que surge, portanto, seria: constatado o grande teor autobiográfico das obras de Lima, a mudança gradual dos personagens representaria também uma mudança e auto-análise da vida do próprio escritor. Questão ampla que traria à tona indagações profundas sobre o fazer literário, que poderão ser desenvolvidas em estudos posteriores.

### THE IDEAL OF FORMATION OF A LETTERS' MAN ON LIMA BARRETO: RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA, TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA E VIDA E MORTE DE M.J GONZAGA DE SÁ UNDER THE BILDUNGSROMAN PERSPECTIVE

**Abstract:** The following paper aims to demonstrate how the three major works by Lima Barreto[1], (*Recordações do escrivão Isaías Caminha*(1909), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915), and *Vida e Morte de M. J Gonzaga de Sá* (1919), make up a great Brazilian Bildungsroman. In this vein, the approach we take is not traditional, since we will not analyze the evolution of a character only, but of three characters that represent the evolution of the writer's human ideal, the man of Letters' human ideal, which shows in the spiritual gradation of heroes Lima Barreto puts up (after whom the books are named).

**Keywords:** *Bildungsroman*; Lima Barreto; man of Letters.

### REFERÊNCIAS

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *O Triste fim de Policarpo Quaresma*. Ministério da cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento Nacional do livro.

\_\_\_\_\_. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1919.

\_\_\_\_\_. *Prosa Seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3.ed. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

CURY, Maria Zilda; WALTY, Ivete. Intelectuais e espaço público. *Revista da Anpoll: Espaço público e linguagens*, n. 26, 2009, p. 221 - 232.

CURY, Maria Zilda; WALTY, Ivete. *Intelectuais vida pública*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2008.

GEHARD, Mellita. 1926. *Der deutsche Entwicklungsroman bis zu Goethes "Wilhelm Meister"*. Halle/Saale: M. Niemeyer.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora 34, 2009.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da Cultura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Tradução José Marques Mariani de Macedo. São Paulo: Ed 34, 2004.

MAZZARI, Marcus Vinicius. *Romance de Formação em Perspectiva Histórica: O Tambor de Lata de Günter Grass*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

\_\_\_\_\_. *Labirintos da aprendizagem: Pacto faústico, romance de formação e outros temas de literatura comparada*. São Paulo: Ed.34, 2010.

REZENDE, Beatriz. Lima Barreto: a opção pela marginália. In: SCHWARZ, Roberto (Ed.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. pp. 73-78.

REZENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoun. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. *Em defesa dos intelectuais*. Trad. Sergio Goes de Paula São Paulo: Ática, 1994.

WALTY, Ivete Lara Camargos. O intelectual e as minorias. In: *Suplemento Literário*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais/Brasil. Jul., 2001, n.73. pp.17-25.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 29/11/2016 E APROVADO EM 20/01/2017